

# O sal português nos cais de Londres e nos outros portos das Ilhas Britânicas (Séc. XVIII)

António Barros Cardoso

---



I Seminário Internacional sobre o sal português  
Instituto de História Moderna da Universidade do Porto, 2005, p. 207-230



## O sal português nos cais de Londres e nos outros portos das Ilhas Britânicas (Séc. XVIII)

António Barros Cardoso\*

### Resumo

*Neste artigo, aproveitando informação colhida na documentação alfandegária inglesa guardada no Public Record Office de Londres, procuramos dar a conhecer elementos estatísticos novos sobre a importação de sal português pela Inglaterra ao longo da primeira metade do século XVIII. É conhecida a importância da comunidade de mercadores britânicos radicada na cidade do Porto. Por isso, em simultâneo, damos a conhecer alguns dos protagonistas do trato do sal com destino aos portos britânicos a partir da cidade do Porto.*

*In this paper, we will present new statistic elements about English importation of Portuguese salt during the first half of the 18th century, using information from customs' documents picked in Public Record Office (London). It's known the importance of Oporto's British community. Therefore, we will focus some of the figures involved in salt trade to English ports.*

A importância do sal na vida económica portuguesa remonta a períodos muito recuados. Há testemunhos da presença da indústria salícola mesmo anteriores à romanização e não se estranha que assim tenha acontecido face à extensão da nossa orla marítima, à presença dominante de ventos secos e quentes e às elevadas temperaturas que o nosso clima atinge durante o Verão<sup>1</sup>. Estes factores não são uniformes em todo o país e, também por isso, cedo se foram definindo regiões que registaram maior interesse por esta actividade. Aveiro, Lisboa e Setúbal, foram os principais centros produtores, com destaque para o primeiro mas, um pouco por toda a costa portuguesa, mesmo no troço compreendido entre a foz do rio Minho e a foz do rio Douro, sabe-se da actividade extractiva do sal. Por exemplo, é conhecida a importância do sal produzido nas salinas da terra de Bouças<sup>2</sup> na dinâmica comercial da cidade do Porto, pelo menos até à época em que é destronado pelo denominado “sal de Santa Maria”<sup>3</sup>. De facto, pelas inquirições de D. Afonso III (1258) ficou a saber-se que o Mosteiro de Bouças possuía, entre outras propriedades, dois talhos de salinas. Tratando-se de terra de Hospitalários, o sal aí produzido estava isento do pagamento de encargos fiscais. Embora não fossem extensas, estas salinas produziam o sal suficiente para o consumo da

---

\* Professor do Departamento de História da Faculdade de Letras da Universidade do Porto – Colaborador do IHM – Instituto de História Moderna da FLUP e Investigador e Coordenador-adjunto do GEHVID – Grupo de Estudos de História da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto.

1 RAU, Virgínia - *Estudos sobre a História do Sal Português*: Lisboa, 1984, p. 279.

2 As salinas de Bouças remontam a 1032 e localizavam-se entre dois braços do rio Leça, nos limites das freguesias de Guifões, Custóias e Santa Cruz do Bispo - MARÇAL, Horácio - *As antigas marinhas de sal na foz do rio Leça*: Separata do Boletim da Biblioteca Pública Municipal de Matosinhos, n.º 32, Matosinhos, 1988, p. 5.

3 Sal oriundo das Terras da Feira, nomeadamente de Ovar.

terra e algum excedente era colocado no mercado portuense<sup>4</sup>. Os conflitos que colocaram em demanda o Bispo do Porto e D. Sancho I, levaram o mesmo D. Afonso III a proibir aos do Porto o comércio do sal. Aliás, foi na sequência desta proibição que os cônegos da Sé abriram talhos para produção própria de sal no seu couto (Massarelos) e é este sal que primeiro começa a fazer concorrência ao sal de Leça<sup>5</sup>. Mais tarde, ao tempo de D. João I (1392), os vizinhos de Bouças e Leça compravam sal directamente em Aveiro, onde o iam buscar nos seus baixéis, vendendo no Porto o que não conseguiam vender na terra<sup>6</sup>, não pagando os direitos à Mitra e Cabido do Porto, e à coroa, presentes no foral que D. Manuel concede à cidade em 1517<sup>7</sup>. Por isso, tal prática foi-lhes então vedada pelo monarca.

Neste interesse fiscal do comércio do sal no Porto, quer para a coroa, quer para os Bispos do Porto, lê-se a importância do produto na economia da cidade na transição da Época Medieval para a Época Moderna. Foi ele que ditou o fim do sal de Bouças, em favor daquele que, oriundo das terras da Feira, mais rendia para os cofres de ambas as partes.

Na Época Moderna, o comércio do sal anda a par da importância crescente do desenvolvimento do comércio do peixe já que a sua conservação encontrava no produto um esteio quase indispensável. Por isso, o sal português de Setúbal serviu no século XVII, como moeda de troca na paz celebrada com a Holanda (1669)<sup>8</sup> e, no século XVIII, foi também o sal daquelas paragens que mais interessou os britânicos envolvidos em Portugal no negócio do peixe seco.

### 1. Os dados estatísticos das alfândegas inglesas (século XVIII)

A presença do produto no comércio luso-britânico está directamente ligada ao incremento das relações comerciais entre os dois países, conhecido ao longo de todo o século<sup>9</sup>. Tais relações, no que se refere às importações por parte de Portugal, assentaram sobretudo nos produtos têxteis, os mais importantes já que, em valores quinquenais conhecidos entre 1700 e 1770, estiveram sempre acima dos 70% das exportações inglesas para o nosso país, chegando mesmo a atingirem os 84%<sup>10</sup>. Predominaram os tecidos de lã e estambrados, especialmente os mais leves e de preços mais reduzidos, destinados aos mercados coloniais portugueses em expansão, particularmente o mercado brasileiro. Seguiam-se aos têxteis uma série de produtos como pregos, arcos de ferro, artigos de latão, cobre e peltre, pólvora, caparrosa, papel espelhos, garrafas e frascos, couros curtidos, mobiliário, relógios, pequenas quantidades de chumbo de caça, chumbo e folha-de-flandres e consideráveis carrega-

4 Idem, p. 9.

5 Idem, p. 10.

6 Idem. Ver ainda RAU, *Virgínia - Estudos sobre a História do Sal Português*: Lisboa, 1984, p. 97.

7 *Item Ho sal que se chama de Sancta Maria que se paga na dita cidade dos nauyos por seer composiçom e contrato ante as partes nom se deve nyso fazer ninhua mudança neste foral e portanto mandamos que assy se cumpra inteiramente segundo na dita composiçom e contrato e declarado assy na paga do dito direito como na declaraçom da ualla das moedas que se fara segundo nossas leis e ordenaçoens com limitaçom que as pessoas que se mudarem da dita cidade pera Gaya ou pera outro lugar no tempo da paga nom pagarem ho dito direito nom possam estes taes esse anno todo inteiro tomar a uiuer a dita cidade sem pagarem o dito direito pois maliciosamente fazem a dita mudança contra a composiçom sobre dita. CRUZ, António - *Forais Manuelinos da Cidade e Termo do Porto existentes no Arquivo Municipal*: Porto, 1940, p. 20.*

8 Tratado de 1669 e Convenção de 1677, pela qual nos obrigamos as pagamento de 150.000 cruzados anuais em sal de Setúbal. RAU, *Virgínia - Estudos sobre a História do Sal Português*: Lisboa, 1984, p. 244.

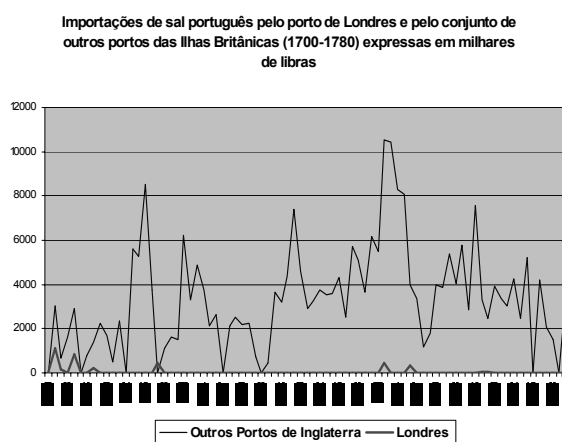
9 De facto, entre 1700 e 1770, o comércio luso-britânico evoluiu de forma surpreendente, embora com um saldo muito mais positivo para a Inglaterra do que para Portugal. FISHER, H. E. S. - *De Methuen a Pombal - O Comércio Anglo-Português de 1700 a 1770*: Lisboa, 1984, p. 33.

10 Idem, *Ibidem*, p. 32.

mentos de carvão. Os cereais – trigo, cevada, aveia e centeio – bem como as farinhas, representaram fatia igualmente destacada das importações portuguesas a partir de Inglaterra<sup>11</sup>. Menos conhecidos são os dados estatísticos sobre as exportações de bacalhau seco para o mercado português a partir da Terra Nova e de outros portos da Nova Inglaterra<sup>12</sup>. Em contrapartida, a importação de produtos portugueses pela Inglaterra, se exceptuarmos o ouro e a prata que entravam nos portos britânicos pela via do contrabando (mas também para cobrir o diferencial entre o valor das mercadorias que faziam entrar e o valor da sua saca) era sobretudo constituída por vinhos do Porto, de longe o produto dominante já que representou entre 68,4% e os 90,91% do conjunto dos produtos nacionais anualmente exportados para as Ilhas Britânicas, entre 1700 e 1756<sup>13</sup>. Nesse lote entraram também outros produtos do sector primário português como frutas – laranjas, limões, figos, azeitonas – azeite, cortiça, sumagre e, claro está, o sal. Esporadicamente, pau-brasil, e produtos exóticos como dentes de elefante e peles de leopardo, entre outros, constam igualmente dos registos alfandegários britânicos<sup>14</sup>.

Importa-nos aqui analisar os dados respeitantes à importação do sal português pelas Ilhas Britânicas, tendo por base as informações da documentação alfandegária inglesa, cruzando essa informação com os dados globais conhecidos respeitantes à exportação portuguesa de sal que Virgínia Rau trouxe à luz do dia, baseando-se em documentação nacional<sup>15</sup>.

Partindo dos quadros anexos I e II, o valor das importações de sal português pela Inglaterra no período de 1700 a 1780, através do Porto de Londres e dos outros portos britânicos encontra-se representado no gráfico seguinte<sup>16</sup>:



11 Idem, p.34-35. A este propósito julgamos que importa olhar com alguma atenção os dados por nós já publicados sobre o comércio luso-britânico a partir do Porto para o período de 1704-1747, obtidos com base nos Livros de Visitas de Saúde às embarcações entradas na barra do Douro. CARDOSO, António Barros – *Subsídios para a História da Barra do Douro* in "O Litoral em Perspectiva Histórica – Séc. XVI-XVIII": Porto, 2002, p. 225-245.

12 Charles Davenant avaliou as importações portuguesas e espanholas em 1707 a partir da Terra Nova em 130.000 libras anuais. Em Junho de 1729 um mercador inglês de Lisboa estimava a venda anual em Portugal em 55.000 libras e um mês mais tarde outra opinião exprimiu a cifra de 88.000 libras para definir o valor das importações portuguesas de bacalhau naquele ano. FISHER, H. E. S. – *De Methuen a Pombal – O Comércio Anglo-Português de 1700 a 1770*: Lisboa, 1984, p. 36.

13 CARDOSO, António Barros – *Baco & Hermes – O Porto e o Comércio Interno e Externo de Vinhos do Douro (1700-1756)*: Porto, 3003, p. 288 e 289.

14 Public Record Office, CUST – 3.

15 Virgínia Rau utilizou documentação guardada no Arquivo Nacional da Torre do Tombo – Fundo Ministério do Reino. RAU, Virgínia, *Estudos sobre a História do Sal Português*: Lisboa, 1984, p. 284-285.

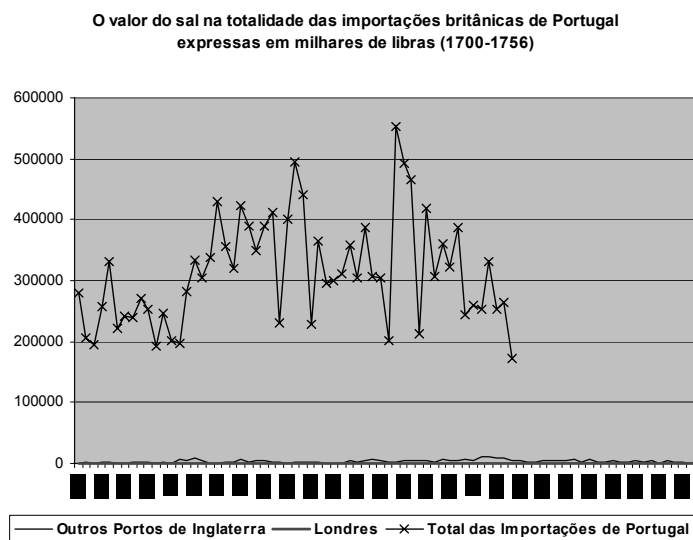
16 Public Record Office, CUST – 3.

O gráfico mostra que os cais de Londres não serviram de principal porta de entrada ao sal português em Inglaterra no decurso do século XVIII. Ao contrário, somente entre 1700 e 1709 se nota algum interesse pelo sal nacional na capital britânica. Em 1711 e 1713, ainda entraram 6 *bushel* e 9,5 *Wey*, respectivamente, e em 1717, foram registadas 163 unidades desta última medida. Posteriormente, entre 1718 e 1752 não foi assinalada qualquer importação de sal português, ano em que entram 1282 *bushel*, que correspondem aproximadamente a 47 toneladas de sal. Mais tarde, são apenas referenciadas importações de sal português pelo porto de Londres nos anos de 1756, 1767 e 1768.

Porquê esta escassez do sal português em Londres após 1709? A única explicação que nos parece verosímil é a seguinte: Como sucedeu com os vinhos de Bordéus, Londres consumia habitualmente sal francês reputado de excelente qualidade<sup>17</sup>. Contudo, não o pode continuar a fazer no decurso da Guerra de Sucessão de Espanha. Esta tese ganha consistência quando, entre os registos das importações de Portugal nos foi possível detectar, pelo menos uma vez, a presença de sal francês que, não podendo seguir a via directa, vinha a Portugal e daqui seguia para os cais de Londres<sup>18</sup>. Após 1709, altura em que as relações franco-britânicas conhecem período de relançamento (recordamos os preliminares de Haia) os ingleses de Londres voltam a poder consumir o sal francês.

Estes dados contrastam com os que conseguimos colher respeitantes à entrada de sal português nos restantes portos de Inglaterra<sup>19</sup>. Aí, não só as quantidades são mais significativas, como a entrada anual apresenta mais regularidade. Algumas ausências respeitam à insuficiência da fonte que utilizamos, nomeadamente as que respeitam aos anos de 1705, 1712 e 1727, anos em que a fonte é omissa.

Procuramos também conhecer o peso efectivo do sal português no contexto global das exportações para as Ilhas britânicas no período que nos ocupou:



17 RAU, Virgínia, *Estudos sobre a História do Sal Português*: Lisboa, 1984, p. 279.

18 Em 1708, foram exportados de Portugal 15 *bushel* de Sal Francês que deram entrada pelo porto de Londres.

19 Public Record Office, CUST-3.

Infelizmente não possuímos dados respeitantes à totalidade das importações inglesas a partir dos portos nacionais para todo o período abrangido. Contudo, feita a comparação entre o valor anual do sal entrado em Inglaterra e o valor anual das exportações portuguesas para o mesmo destino entre 1700 e 1757, pode verificar-se que o produto não teve expressão significativa no contexto das trocas comerciais directas com o nosso mais importante parceiro comercial.

Importa contudo referir que a utilidade maior do sal, fosse de origem portuguesa ou não, prende-se com a salga do pescado, particularmente do bacalhau, mas também do arenque e da sardinha, entre outros. A sua aplicação na salga de carnes foi também corrente. É sabido que os britânicos, ao longo do século XVIII, foram grandes negociantes de bacalhau, dominando todo o mercado europeu. Basta referir que, de entre as firmas inglesas que tivemos oportunidade de recensar como estabelecidas no Porto em torno do negócio dos vinhos do Douro, uma percentagem muito significativa fez entroncar as suas trocas na cidade sobretudo no comércio do bacalhau que comprava nos portos da Terra Nova e da Nova Inglaterra. Destacamos os fundadores da Croft, Thomas Phayre, Richard Thompson, Benjamim Tilden, Bento Stafford e Thomas Croft que, entre 1702 e 1756, receberam sobretudo navios oriundos dos portos do outro lado do Atlântico, carregados com bacalhau, produto âncora dos seus negócios na cidade do Porto<sup>20</sup>. O mesmo sucedeu com os irmãos David e Robert Jackson, estabelecidos na cidade entre 1710 e 1756<sup>21</sup> e com a firma Caulet Clarmont & Vincent (1723-1756)<sup>22</sup>, bem como com muitos outros que, embora não tivessem o negócio do peixe salgado como primeira mercadoria dos seus interesses mercantis, ele tinha lugar destacado no seu trato. Citemos a título exemplificativo os casos de Peter Dowker, um dos cabouqueiros do trato vinícola para Inglaterra na cidade do Porto<sup>23</sup>, dos Clarck, fundadores da casa Warre<sup>24</sup> ou dos precursores da Taylor<sup>25</sup>.

Alguns dos mercadores citados constituíam verdadeiras multinacionais. Os seus negócios estendiam-se do Mediterrâneo aos portos do norte da Europa, cruzando o Atlântico quer em direcção ao Brasil, mas sobretudo aos portos da Terra Nova e da Nova Inglaterra. Por isso, o sal que entrava nas docas britânicas não assume a expressão que se poderia esperar:

Anos	Entrado pelo porto de Londres	Entrado pelos outros portos de Inglaterra
1700	15	0
1701	984	1002
1702	55	227
1703	0	573
1704	289	834
1705	0	0
1706	17B	256
1707	75	459
1708	15 B	779
1709	0	572
1710	0	160
1711	6 B	821
1712	0	0

20 CARDOSO, Baco & Hermes – *O Porto e o Comércio Interno e Externo de Vinhos do Douro (1700-1756)*: Porto, 2003, Vol. I, p. 307-317.

21 Idem, p. 329.

22 Idem, p. 360.

23 Idem, p. 295.

24 Idem, p. 330.

25 Idem, p. 340.

Anos	Entrado pelo porto de Londres	Entrado pelos outros portos de Inglaterra
1713	9,5	2253
1714	0	1181,5
1715	0	2962
1716	0	1310
1717	163	0
1718	2 B	413
1719	0	572
1720	0	523
1721	0	2164
1722	0	1160
1723	0	1690
1724	0	1312
1725	0	748
1726	0	901
1727	0	0
1728	0	738
1729	0	886
1730	0	768
1731	0	762
1732	0	99
1733	0	0
1734	0	155
1735	0	1268
1736	0	1118
1737	0	1525
1738	0	2516
1739	0	1593
1740	0	1004
1741	0	1132
1742	0	1802
1743	0	1130
1744	0	1139
1745	0	1452
1746	0	869
1747	0	4983
1748	0	1754
1749	0	1270
1750	0	2150
1751	0	1901
1752	1282 B	3008
1753	0	3631
1754	0	2893
1755	0	2800
1756	121	4389
1757	0	1170
1758	0	515
1759	0	991
1760	0	1388
1761	0	1353
1762	0	1876
1763	0	1409
1764	0	2003
1765	0	989
1766	0	2640
1767	25	1109
1768	96	856
1769	0	1362



Anos	Entrado pelo porto de Londres	Entrado pelos outros portos de Inglaterra
1770	0	2207
1771	0	1060
1772	0	1484
1773	0	920
1774	0	1809
1775	0	0
1776	0	1431
1777	0	721
1778	0	520
1779	0	0
1780	0	1133

Quadro 1- Quantidades de sal português entradas em Inglaterra (1700-1780).

O quadro mostra a expressão quantitativa do sal português entrado nos portos ingleses. Considerando que à medida inglesa indicada (Wey) correspondem 145,3 kg, chegamos aos valores referidos em quilogramas no quadro seguinte, a que correspondem os moios<sup>26</sup> também nele referidos:

Anos	Entrados por todos os portos ingleses incluindo os de Londres medidos em wey e bushel	Wey = 145,39 kg.	Moios
1700	15	2181	2,6
1701	1986	288745	348,7
1702	282	41000	49,5
1703	573	83308	100,6
1704	1123	163273	197
1705	0	0	0
1706	256 Wey 17 Bushel	37838	45,6
1707	534	77638	93,8
1708	779 Wey 15 Bushel	113804	137,4
1709	572	83163	100,4
1710	160	23262	28
1711	821 Wey 6 Bushel	119583	144,4
1712	0	0	0
1713	2262,5	328945	397,3
1714	1181,5	171778	207,5
1715	2962	430645	520
1716	1310	190461	230
1717	163	23699	28,6
1718	413 Wey 2 Bushel	120238	145,2
1719	572	83163	100,4
1720	523	76039	91,8
1721	2164	314624	380
1722	1160	168652	203,7
1723	1690	245709	296,8
1724	1312	190752	230
1725	748	108752	131
1726	901	130996	158
1727	0	0	0
1728	738	107298	129,6
1729	886	128816	155,6
1730	768	111660	134,8
1731	762	110787	133,8
1732	99	14394	17,4

Anos	Entrados por todos os portos ingleses incluindo os de Londres medidos em wey e bushel	Wey = 145,39 kg.	Moios
1733	0	0	0
1734	155	22536	27,2
1735	1268	184355	222,7
1736	1118	162546	196,3
1737	1525	221720	267,8
1738	2516	365801	441,9
1739	1593	231606	279,8
1740	1004	145920	176,2
1741	1132	164581	198,8
1742	1802	261993	316,4
1743	1130	164290	198,4
1744	1139	165599	200
1745	1452	211106	255
1746	869	126344	152,6
1747	4983	724478	875
1748	1754	255014	308
1749	1270	184645	223
1750	2150	312589	377,5
1751	1901	276386	333,8
1752	3008 Wwy 282 Bushel	447583	540,6
1753	3631	527911	637,6
1754	2893	420613	508
1755	2800	407092	491,6
1756	4510	655709	792
1757	1170	170106	205,4
1758	515	74876	90,4
1759	991	144081	174
1760	1388	201801	243,7
1761	1353	196713	237,6
1762	1876	272752	329
1763	1409	204855	247
1764	2003	291216	352
1765	989	143791	173,6
1766	2640	383830	463,5
1767	1134	164872	199
1768	952	138411	167
1769	1362	198021	239
1770	2207	320876	387,5
1771	1060	154113	186
1772	1484	215759	260,5
1773	920	133759	161,5
1774	1809	263011	317,6
1775	0	0	0
1776	1431	208053	251
1777	721	104826	126,6
1778	520	75603	91,3
1779	0	0	0
1780	1133	164727	199

Quadro 2- Quantidades de moios de sal português entradas em Inglaterra (1700-1780).

26 Consideramos o valor geralmente atribuído ao moio de Lisboa – 60 alqueires a que correspondia o valor de 13,8 kg, por alqueire, uma vez que, a avaliar pelo caso português, como veremos adiante, a maioria do sal comercializado pelos ingleses era oriundo de Setúbal e exportado a partir dos seus cais ou dos da capital. Assim, feitas as contas, a 1 moio correspondiam 828 kg.

Ora, pelo quadro acima, os informes da Alfândega londrina e das outras alfândegas britânicas não incluem certamente o sal português que os mercadores ingleses do Porto, como outros comerciantes britânicos sedeados em Lisboa, levavam directamente para as terras do bacalhau a partir de Setúbal ou das docas da capital portuguesa, regressando com cargas do tão apreciado peixe. Isto é confirmado pela diferença entre os quantitativos apresentados por Nuno Daupias de Alcochete<sup>27</sup> relativos à exportação de sal para Inglaterra com base nos registos da Alfândega de Lisboa para os anos de 1704 – 6140 moios, 1705 – 7506 moios e 1708 – 1203 moios. Para os mesmos anos, estão registados nas alfândegas britânicas as seguintes entradas: 1704 – 197 moios, 1705 (não existe o livro), 1706 – 45,6 moios e em 1708 – 137,4 moios. Estas diferenças só se explicam pela exportação directa para os portos da Terra Nova e da Nova Inglaterra.

Por outro lado, comparando as quantidades de moios de sal que apuramos nos registos ingleses referidas no quadro anterior, com os números totais de exportação do produto publicados por Virginia Rau, as percentagens do sal entrado nas docas britânicas foram ínfimas, não representando nos melhores anos, ou seja, aqueles em que as exportações superaram os 500 moios, mais do que os valores que constam do quadro seguinte:

Anos	Valores anuais de exportação em moios <sup>1</sup>	Valores da importação de sal pelo conjunto dos portos ingleses em moios	%
1747	29421,5	875	2,90%
1756	30701	792	2,57%
1753	26335	637,6	2,42%
1752	46607,5	540,6	1,15%
1715	78770,5	520	0,66%
1754	23614,5	508	2,15%

Quadro 3 - Percentagem do sal importado pelo porto de Londres e outros portos de Inglaterra em anos em que a importação superou os 500 moios, relativamente ao total das exportações portuguesas do produto.

Ou seja, no melhor ano (1747) não atingiram sequer os 3%, o que vem confirmar as nossas suspeitas de que o diferencial entre os números das estatísticas alfandegárias britânicas e portuguesas, radica nas exportações directas de sal para a Terra Nova e portos da Nova Inglaterra a partir dos portos de Lisboa a Setúbal.

## 2. O Transporte do sal para Inglaterra

A fonte que utilizamos, permitiu-nos também avaliar a forma como o sal português chegava às Ilhas Britânicas. Face à rigidez da legislação britânica, recordamos os *navigator acts* que Cromwel promulgou, à semelhança do que acontecia com outras mercadorias, a maioria do sal português chegou a Inglaterra a bordo de barcos britânicos. Contudo, anos houveram em que a regra foi quebrada. Aconteceu nos anos de 1712, 1713 e 1715 e mais tarde, no período da Guerra da Sucessão de Áustria, nos anos de 1745 a 1748.

<sup>27</sup> DAUPIÁS, Nuno – *A Exportação de sal pelo Porto de Lisboa no princípio do Séc. XVIII*: Lisboa, 1957. Mapa anexo I – Livros da Mesa do Sal de Lisboa, p. 197.

À medida que se avançou pela segunda metade do século XVIII, o transporte de sal para Inglaterra a bordo de navios de outras nacionalidades foi mais frequente. Embora a fonte não identifique essas nacionalidades, não enjeitamos a possibilidade de se tratar de navios portugueses. De resto, o caso do Porto serve de amostragem: Com efeito, consultando os registos das Visitas de Saúde às embarcações entradas na barra do Douro (1704-1747), pudemos constatar que entraram aquela barra 130 navios com carga de sal consignada a mercadores ingleses<sup>29</sup>. Desses navios, 118 foram provenientes de Setúbal, 2 de Aveiro e 4 da Figueira da Foz, a demonstrar um maior interesse dos ingleses do Porto pelo sal de Setúbal. Os registos não indicaram a proveniência de seis destes navios. As firmas inglesas instaladas na cidade do Porto que mais se interessaram pelo comércio do sal constam do quadro seguinte:

Nome	N.º de navios
Richard Thompson & C. <sup>a</sup>	9
Richard Aylward & C. <sup>a</sup>	4
Benjamin Tilden & C. <sup>a</sup>	11
Francis Milner & C. <sup>a</sup>	2
Bearsley	9
Hiry Berne & C. <sup>a</sup>	5
John Caulet & C. <sup>a</sup>	4
Jonh Stevenson & C. <sup>a</sup>	12
Jonh Quely & C. <sup>a</sup>	3
George Bullimore & C. <sup>a</sup>	8
George Hammound & C. <sup>a</sup>	4
Raimundo Ritte & C. <sup>a</sup>	7

Quadro 4 - Companhias inglesas do Porto que receberam navios com carga de sal (1704-1747)<sup>30</sup>.

No topo da lista aparece Jonh Stevenson & C.<sup>a</sup> (1702-1734) que recebeu 12 navios com carga de sal no período da sua actividade como negociante de vinhos no Porto, onde, em valores médios fez entrar anualmente 1619 pipas de vinho que exportava quase pela totalidade. Dedicava-se sobretudo ao comércio de panos<sup>31</sup>. Com toda a probabilidade, o sal que adquiriu foi reexportado a partir da cidade. Segue-se a companhia de Benjamin Tilden (1710-1731) um dos percussores da Casa Croft que, como vimos já negociava sobretudo em bacalhau<sup>32</sup>. Merecem destaque ainda as casas de Richard Thompson & C.<sup>a</sup> e de George Bullimore & C.<sup>a</sup>, o primeiro foi também um dos percussores da Croft e o segundo, um dos grandes mercadores de vinho, radicado no Porto entre 1710 e 1735, que ancorou os seus negócios na cidade quase em paridade no comércio dos cereais e do bacalhau<sup>33</sup>.

28 RAU, Virginia, *Estudos sobre a História do Sal Português*: Lisboa, 1984, p. 285.

29 Constam do anexo III.

30 AHMP, L. 442-466, *Visitas de Saúde*.

31 CARDOSO, Baco & Hermes – *O Porto e o Comércio Interno e Externo de Vinhos do Douro (1700-1756)*: Porto, 3003, Vol. I, p. 382-387.

32 Idem, p. 309.

33 Idem, p. 389-396.

### 3. A terminar

O valor do sal português que deu entrada nos cais londrinos e nos outros portos de Inglaterra no decurso do século XVIII, está longe de representar a parte mais significativa da exportação portuguesa do produto.

Vimos também que, das estatísticas que utilizamos, que são habitualmente citadas pelos historiadores ingleses e guardadas no fundo *Customs* do Public Record Office, não constam as quantidades de sal que os mercadores ingleses radicados na capital portuguesa e na cidade do Porto faziam entrar nos portos coloniais britânicos do outro lado do Atlântico, e que, vimo-lo, por comparação com os dados publicados por Nuno Daupias de Alcochete, constituíam a parte mais significativa do sal português importado pela Inglaterra, destinado à salga de peixe.

Isto leva-nos a terminar com uma interrogação: este diferencial ter-se-á verificado apenas no sal? Suspeitamos que não e que dos elementos estatísticos normalmente usados para cálculo do relacionamento comercial luso-britânico não constam as exportações directas de outros produtos dos portos nacionais para as colónias inglesas da América. Ora, se o diferencial que encontramos agora no sal for extensível a outros produtos das nossas exportações, então torna-se necessário rever em alta para a parte portuguesa os diferenciais nas trocas com o nosso principal parceiro comercial no século XVIII e reavaliar o nosso grau de dependência económica para com a Inglaterra naquele período.

Anos	Preço unitário	Quantidades medidas em Wey ou Bushel	Valor total expresso em libras	Sal transportado em navios ingleses	Sal transportado em navios de outras nacionalidades
1700	36	15	40	15	0
1701	55	984	1106	98	0
1702	55	55	160	55	0
1704	3	289	867	289	0
1705	0	0	0	0	0
1706	55	17B	1	17B	0
1707	55	75	207	75	0
1708	3	15 B	1	15B	0
1709	0	0	0	0	0
1710	0	0	0	0	0
1711	1	6 B	9 S	0	6 B
1712	0	0	0	0	0
1713	55	9,5	27	9,5	0
1714	0	0	0	0	0
1715	0	0	0	0	0
1716	0	0	0	0	0
1717	55	163	470	163	0
1718	55	2 B	2S	2B	0
1719	0	0	0	0	0
1720	0	0	0	0	0
1721	0	0	0	0	0
1722	0	0	0	0	0
1723	0	0	0	0	0
1724	0	0	0	0	0
1725	0	0	0	0	0
1726	0	0	0	0	0
1727	0	0	0	0	0
1728	0	0	0	0	0
1729	0	0	0	0	0

Anos	Preço unitário	Quantidades medidas em Wey ou Bushel	Valor total expresso em libras	Sal transportado em navios ingleses	Sal transportado em navios de outras nacionalidades
1730	0	0	0	0	0
1731	0	0	0	0	0
1732	0	0	0	0	0
1733	0	0	0	0	0
1734	0	0	0	0	0
1735	0	0	0	0	0
1736	0	0	0	0	0
1737	0	0	0	0	0
1738	0	0	0	0	0
1739	0	0	0	0	0
1740	0	0	0	0	0
1741	0	0	0	0	0
1742	0	0	0	0	0
1743	0	0	0	0	0
1744	0	0	0	0	0
1745	0	0	0	0	0
1746	0	0	0	0	0
1747	0	0	0	0	0
1748	0	0	0	0	0
1749	0	0	0	0	0
1750	0	0	0	0	0
1751	0	0	0	0	0
1752	55	1282 B	451	1282 B	0
1753	0	0	0	0	0
1754	0	0	0	0	0
1755	0	0	0	0	0
1756	55	121	363	121	0
1757	0	0	0	0	0
1758	0	0	0	0	0
1759	0	0	0	0	0
1760	0	0	0	0	0
1761	0	0	0	0	0
1762	0	0	0	0	0
1763	0	0	0	0	0
1764	0	0	0	0	0
1765	0	0	0	0	0
1766	0	0	0	0	0
1767	55	25	71	25	0
1768	55	96	74	96	0
1769	0	0	0	0	0
1770	0	0	0	0	0
1771	0	0	0	0	0
1772	0	0	0	0	0
1773	0	0	0	0	0
1774	0	0	0	0	0
1775	0	0	0	0	0
1776	0	0	0	0	0
1777	0	0	0	0	0
1778	0	0	0	0	0
1779	0	0	0	0	0
1780	0	0	0	0	0

Anexo 1 - Sal português entrado em Inglaterra pelo porto de Londres (1700-1780)<sup>34</sup>

34 Public Record Office, CUST-3.

Anos	Preço unitário	Quantidades medidas em Wey ou Bushel <sup>35</sup>	Valor total expresso em libras	Sal transportado em navios ingleses	Sal transportado em navios de outras nacionalidades
1701	55	1002	3053	1002	0
1702	55	227	654	227	0
1703	55	573	1647	573	0
1704	55	834	2898	834	0
1705	0	0	0	0	0
1706	55	256	767	256	0
1707	55	459	1379	459	0
1708	55	779	2241	779	0
1709	3	572	1688	556	6
1710	55	160	480	160	0
1711	55	821	2363	821	0
1712	0	0	0	0	0
1713	55	2253	5617	1316	437
1714	55	1181,5	5259	1176,5	5,3
1715	55	2962	8518	2906	56
1716	55	1310	3767	1310	0
1717	0	0	0	0	0
1718	2.15 L	413	1109	413	0
1720	55	523	1504	523	0
1721	2.15 L	2164	6225	2164	
1722	55	1160	3335	1160	0
1723	55	1690	4859	1690	0
1724	55	1312	3774	1312	0
1725	55S	748	2152	748	0
1726	55	901	2627	901	0
1727	0	0	0	0	0
1728	55	738	2121	738	0
1729	55	886	2547	0	0
1730	55	768	2208	768	0
1731	55	762	2220	762	0
1732	55	99	711	99	0
1733	0	0	0	0	0
1734	55	155	445	155	0
1735	55	1268	3647	1268	0
1736	55	1118	3216	1118	0
1737	55	1525	4384	1525	0
1738	55	2516	7408	2516	0
1739	55	1593	4580	1593	0
1740	55	1004	2888	1004	0
1741	55	1132	3256	1132	0
1742	55	1802	3745	1802	0
1743	55	1130	3517	1130	0
1744	55	1139	3608	1139	0
1745	55	1452	4322	1502	50
1746	55	869	2498	737	132
1747	55	4983	5702	4131	852
1748	55	1754	5130	1637	117
1749	55	1270	3652	1270	0
1750	55	2150	6182	2150	0
1751	55	1901	5475	1901	0
1752	55	3008	10546	3008	0
1753	55	3631	10441	3631	0
1754	55	2893	8317	2893	0
1755	55	2800	8057	2691	109
1756	55	4389	3954	4389	0
1757	55	1170	3366	1108	62

Anos	Preço unitário	Quantidades medidas em Wey ou Bushel <sup>35</sup>	Valor total expresso em libras	Sal transportado em navios ingleses	Sal transportado em navios de outras nacionalidades
1758	55	515	1181	476	39
1759	55	991	1806	551	400
1760	55	1388	3978	1171	217
1761	55	1353	3890	1353	0
1762	55	1876	5381	1489	387
1763	55	1409	4053	1409	0
1764	55	2003	5760	2003	0
1765	55	989	2847	918	71
1766	55	2640	7593	2629	11
1767	55	1109	3319	1109	0
1768	55	856	2463	856	0
1769	55	1362	3916	1362	0
1770	55	2207	3346	2207	0
1771	55	1060	3049	1060	0
1772	55	1484	4266	1488	0
1773	55	920	2468	916	4
1774	55	1809	5202	1809	0
1775	0	0	0	0	0
1776	55	1431	4188	1431	0
1777	55	721	20074	721	0
1778	55	520	1496	440	80
1779	0	0	0	0	0
1780	3 L	1133	3401	753	380

Anexo 2-Sal português entrado em Inglaterra por outros portos para além do porto de Londres (1700-1780)<sup>36</sup>.

Nome do mercador ou da Companhia	Nome da embarcação	Data de entrada no porto do Douro			Proveniência	Cargas	Lv.	Fls.
		1720	4	3				
BENJAMIM TILDEN & C. <sup>a</sup>	Santa Catarina	1720	4	3	Lisboa	Sal	445	361 v.
BENJAMIM TILDEN & C. <sup>a</sup>	Concórdia	1722	2	11	Lisboa	Sal e Vinhos	446	211 v.
BENJAMIN MITCHEL	Príncipe Frederico	1747	3	10	Lisboa	Sal	466	34
BENJAMIN MITCHEL	Duque de Cumberland	1747	8	8	Lisboa	Sal	466	103
BENJAMIN TILDEN & C. <sup>a</sup>	Maria	1728	2	27	Lisboa	Sal e vinhos	448	311
BENJAMIN TILDEN & C. <sup>a</sup>	Prosperidade	1728	6	4	Figueira	Sal e algum vinho	448	377v.
BENJAMIN TILDEN & C. <sup>a</sup>	Carlos	1729	1	20	Lisboa	Vinho, fardos de lã, sal e tabaco	449	31v.
BENJAMIN TILDEN & C. <sup>a</sup>	João e Benjamim	1729	2	15	Lisboa	Sal	449	42
BENJAMIN TILDEN & C. <sup>a</sup>	Jorge	1729	2	15	Lisboa	Sal, vinho, tabaco e fardos de lã	449	42v.
BENJAMIN TILDEN & C. <sup>a</sup>	Bantedi	1729	2	28	Lisboa	Sal	449	51v.
BENJAMIN TILDEN & C. <sup>a</sup>	José	1730	2	21	Lisboa	Sal, tabaco, arroz e papel	449	231v.
BENJAMIN TILDEN & C. <sup>a</sup>	Hamburgo	1731	3	8	Lisboa	Sal	449	413

<sup>35</sup>Wey – É a medida mais frequentemente mencionada nos livros das alfândegas inglesas para o sal. Contudo, para pequenas quantidades também é utilizado o Bushel. No primeiro caso, a medida comporta entre 100 a 150 kg., no segundo corresponde a 8 galões ou 36,348 kg.

<sup>36</sup>Public Record Office, CUST – 3.



Nome do mercador ou da Companhia	Nome da embarcação	Data de entrada no porto do Douro			Proveniência	Cargas	Lv.	Fls.
		1731	5	25				
BENJAMIN TILDEN & C. <sup>a</sup>	A Marqueza	1731	5	25	Lisboa	Tabaco, sal, papel e várias encomendas	449	460
BENJAMIN TILDEN & C. <sup>a</sup>	A Esperança	1731	6	29	Lisboa	Sal, tabaco, papel e algumas encomendas	449	476v.
BIRQUEAD PRATT & C. <sup>a</sup>	O Azebixe	1731	5	19	Lisboa	Sal, vinho e aduela	449	458
DANIEL DE LASWER & C. <sup>a</sup>	Acord	1742	3	17	Lisboa	Sal	459	76v.
DAVID JACKSON & C. <sup>a</sup>	Prosperidade	1714	11	27	Aveiro	Sal	444	138 v.
DIOGO ARCHIBOLD	Mar de Portugal	1747	3	10	Lisboa	Sal	466	33v.
DIOGO PRIN & C. <sup>a</sup>	As duas vicéiras	1708	5	12	Lisboa	Sal	442	312
ESTEVAO BRIGAUD	Guilherme e Joana	1707	1	12	Figueira	Sal	442	181 v.
FRANCISCO BEARSLEY	Broun	1747	6	21	Lisboa	Sal	466	60
FRANCISCO MILNER	Ana e Sara	1729	1	20	Lisboa	Sal e aduelas	449	31
FRANCISCO MILNER & C. <sup>a</sup>	Maria e Isabel	1720	7	9	Lisboa	Sal	445	395 v.
FRANCISCO MILNER & C. <sup>a</sup>	Rei do mar	1722	8	25	Lisboa	Sal	446	339
GUILHERME & CARLOS HAMÃO	O Francisco e a Anna	1739	2	23	Lisboa	sal e vinhos	455	55
GUILHERME BEARSLEY & C. <sup>a</sup>	A Merate	1740	7	17	Grã Bretanha	Sal (sic)	458	32v.
GUILHERME BEARSLEY & C. <sup>a</sup>	O Francisco	1744	6	19	Lisboa	Sal	462	214v.
GUILHERME HARRIS & C. <sup>a</sup>	Feliz	1728	5	12	Figueira	Vinhos, sal e cortiça	448	86
GUILHERME PASEM (SIC) & C. <sup>a</sup>	Amizade	1727	10	17	Lisboa	Sal	448	223
GUILHERME WARRE & C. <sup>a</sup>	Bacus	1746	6	10	Lisboa	Sal	465	13
HENRIQUE BIRNE & C. <sup>a</sup>	João e Margarida	1730	4	19	Lisboa	Sal, tabuado, fardos, ferro, e aço	449	255v.
HENRIQUE BIRNE & C. <sup>a</sup>	Boa Esperança	1737	3	3	Lisboa	Sal	454	87
HENRIQUE BIRNE & C. <sup>a</sup>	Halifax	1739	2	23	Lisboa	queijos, manteiga e sal	455	54v.
HENRIQUE BIRNE & C. <sup>a</sup>	Henrique	1739	3	1	Lisboa	Sal	455	59v.
HENRIQUE BIRNE & C. <sup>a</sup>	Guilherme e Manuel	1739	3	7	Lisboa	Sal e papel	455	62
HENRIQUE BIRNE & C. <sup>a</sup>	Isabel e Henrique	1732	7	17	Lisboa	Sal, tabaco, papel, couros e alguma farinha	450	51v.
HENRIQUE HITCHCOQUE & C. <sup>a</sup>	êndia	1737	1	14	Lisboa	Sal e papel	454	57v.
JOÃO CAULLET & C. <sup>a</sup> (CLARMONT)	João e Isabel	1737	1	8	Lisboa	Sal	454	55v.
JOÃO CAULLET & C. <sup>a</sup> (CLARMONT)	Feitor	1739	3	4	Lisboa	Fardos e sal	455	60
JOÃO CAULLET & C. <sup>a</sup> (CLARMONT)	O Feitor do Porto	1738	5	11	Lisboa	Sal e tabaco	456	14v.
JOÃO CLARQUE & C. <sup>a</sup>	A Boa Esperança	1734	12	7	Lisboa	Figos e sal	451	89v.

Nome do mercador ou da Companhia	Nome da embarcação	Data de entrada no porto do Douro			Proveniência	Cargas	Lv.	Fls.
		1738	3	3				
JOÃO CLARQUE & C. <sup>a</sup>	Bolton	1738	3	3	Lisboa	Sal	456	8v.
JOÃO CLARQUE & C. <sup>a</sup>	João e Isabel	1732	2	22	Lisboa	Sal e vinhos	449	580v.
JOÃO CLARQUE & C. <sup>a</sup>	São Lourenço	1732	2	22	Lisboa	Sal e vinho	449	582
JOÃO ESTEVENSON & C. <sup>a</sup>	Isabel e Ana	1722	11	22	Lisboa	Sal, vinho, tabaco e chocolate	446	401 v.
JOÃO ESTEVENSON & C. <sup>a</sup>	O Experiência	1723	1	2	Lisboa	Sal e vinhos	446	411 v.
JOÃO ESTEVENSON & C. <sup>a</sup>	O Tomás	1723	5	6	Lisboa	Sal	447	23 v.
JOÃO ESTEVENSON & C. <sup>a</sup>	Flor de Maio	1707	11	25	Lisboa	Sal	442	285 v.
JOÃO ESTEVENSON & C. <sup>a</sup>	Estevão	1708	4	26	Londres	Sal	442	297 v.
JOÃO ESTEVENSON & C. <sup>a</sup>	Bom Jesus	1711	4	22	Lisboa	Sal	443	143
JOÃO ESTEVENSON & C. <sup>a</sup>	Rainha do Ceo	1713	3	23	Lisboa	Sal	443	342 v.
JOÃO ESTEVENSON & C. <sup>a</sup>	João	1713	7	7	Lisboa	Sal, trigo e fardos	443	354 v.
JOÃO ESTEVENSON & C. <sup>a</sup>	Providência	1720	8	23	Vigo	Sal	445	418
JOÃO ESTEVENSON & C. <sup>a</sup>	...	1728	5	2	Lisboa	Sal, vinhos e vários caixões de fardos de lã	448	363
JOÃO ESTEVENSON & C. <sup>a</sup>	O Vinha	1731	8	3	Lisboa	Sal, tabaco e aguardente	449	468
JOÃO ESTEVENSON & C. <sup>a</sup>	Bragança	1733	2	10	Lisboa	Arroz, papel e sal	450	190
JOÃO HAMÃO & C. <sup>a</sup>	Guilherme	1730	1	30	Lisboa	Sal, tabaco e vinho	449	217v.
JOÃO PAGE & C. <sup>a</sup>	Devosere	1737	4	8	Lisboa	sal e tabaco	454	119
JOÃO QUELY	Drago	1708	4	30	Lisboa	Sal	442	377
JOÃO QUELY & C. <sup>a</sup>	Anna e Isabel	1708	5	12	Lisboa	Sal	442	304 v.
JOÃO QUELY & C. <sup>a</sup>	Thomas e Roberto	1708	5	12	Lisboa	Sal	442	307
JOÃO RICARDO & C. <sup>a</sup>	Hopenul ?	1734	4	24	Lisboa	Sal, vinho e aducla	449	458
JOÃO RITTE & C. <sup>a</sup>	O Douro	1722	3	20	Lisboa	Sal e tabacos para a fábrica e vinho	446	234
JOÃO RITTE & C. <sup>a</sup>	Guilherme e Maria	1727	2	2	Aveiro	Cortiça e sal	448	61 v.
JOÃO SUARBREQUE & C. <sup>a</sup>	Angley	1746	10	14	Lisboa	Sal e tabaco	465	97v.
JOÃO TONSÃO & C. <sup>a</sup>	O Marmaduke	1741	1	6	Lisboa	Sal	458	105v.
JOÃO TONSÃO & C. <sup>a</sup>	A Maria	1744	6	19	Lisboa	Sal	462	215v.
JORGE ALLEN & C. <sup>a</sup>	Preciosa	1736	3	30	Lisboa	Sal e vinho	453	130v.
JORGE ALLEN & C. <sup>a</sup>	Irmão	1738	3	3	Lisboa	Sal e tabaco	456	8
JORGE BULLIMORE	João e Ana	1730	2	11	Lisboa	Sal	449	226
JORGE BULLIMORE	S. Irmão (sic)	1730	3	9	Lisboa	Sal, tabaco, vinho e arroz	449	233
JORGE BULLIMORE	S. Germom	1730	8	9	Lisboa	Sal e algumas pipas de vinho	449	304
JORGE BULLIMORE	O Faren	1731	3	8	Lisboa	Sal	449	418
JORGE BULLIMORE	A Suzana	1731	5	19	Lisboa	Sal	449	457
JORGE BULLIMORE	A Galante	1732	2	22	Lisboa	Sal, vinho e tabaco	449	583
JORGE BULLIMORE	O Samuel	1732	4	7	Lisboa	Sal, vinho e linho	450	29v.
JORGE BULLIMORE	José	1733	2	10	Lisboa com escala por Vigo	Sal e tabaco	450	195v.

Nome do mercador ou da Companhia	Nome da embarcação	Data de entrada no porto do Douro			Proveniência	Cargas	Lv.	Fls.
		1737	1	26				
JORGE CHAMPLÃO & C. <sup>a</sup>	Neptuno	1737	1	26	Lisboa	Sal	454	69v.
JORGE HAMÃO	Concórdia	1730	4	27	Lisboa	Sal e várias encomendas	449	259v.
JORGE HAMÃO	Bolton	1730	9	6	Lisboa	Sal, tabaco, arroz e açúcar	449	314
JORGE HAMÃO	Bolton	1730	11	10	Lisboa	Sal, tabaco e trigo	449	335v.
JORGE HAMÃO	Bolton	1730	12	31	Lisboa	Sal, vinhos e mais algumas encomendas	449	373v.
JORGE HAMÃO	Caridade	1732	4	1	Lisboa	Tabaco, sal e linho	450	25v.
PAULO GUILHERME CRUGER	Mercador de Lim	1747	6	21	Lisboa	Sal	466	61
PEDRO ARCEDIAGO & C. <sup>a</sup>	João e Constância	1722	1	18	Lisboa	Sal, 5 pipas de aguardente	447	2 v.
PEDRO BEARSLEY & C. <sup>a</sup>	A pronta vontade	1723	5	6	Lisboa	Sal e vinhos	447	24 v.
PEDRO BEARSLEY & C. <sup>a</sup>	A Joanna	1730	10	20	Lisboa	Sal, tabaco e algum papel	449	332v.
PEDRO BEARSLEY & C. <sup>a</sup>	...	1734	6	25	Lisboa	Sal	450	484v.
PEDRO BEARSLEY & C. <sup>a</sup>	A Amizade	1732	8	10	Lisboa	Sal	450	101
PEDRO DUQUER & C. <sup>a</sup>	Delfim	1709	6	19	Lisboa	Sal	443	29
PEDRO DUQUER & C. <sup>a</sup>	Os quatro irmãos	1710	4	27	Bristol	Bacalhau de pasta, carvão de pedra e sal de salgar peixe	443	106 v.
PEDRO DUQUER & C. <sup>a</sup>	Rainha Anna	1713	3	8	Lisboa	Sal	443	305 v.
RAIMUNDO RITTE & C. <sup>a</sup>	Millord	1706	10	17	Mondego	Sal	442	171
RAIMUNDO RITTE & C. <sup>a</sup>	Trident	1708	4	26	Não indicada	Sal	442	296
RAIMUNDO RITTE & C. <sup>a</sup>	Emdefergil (sic)	1708	4	26	Lisboa	Sal	442	296 v.
RAIMUNDO RITTE & C. <sup>a</sup>	O Puel	1708	5	12	Lisboa	Sal	442	303
RAIMUNDO RITTE & C. <sup>a</sup>	Guilherme	1708	5	12	Lisboa	Sal	442	309 v.
RAIMUNDO RITTE & C. <sup>a</sup>	Rey David	1708	5	12	Lisboa	Sal	442	309 v.
RAIMUNDO RITTE & C. <sup>a</sup>	O Isabel	1722	11	13	Lisboa	Sal	446	395
RAIMUNDO RITTE & C. <sup>a</sup>	N.ª S.ª do Rosário	1713	11	21	Setúbal	Sal	444	21 v.
RICARDO AYLWARD	Boa Vontade	1704	3	7	Lisboa	Tabaco e sal	442	7 v.
RICARDO AYLWARD	Guilherme	1708	5	12	Lisboa	Sal	442	309
RICARDO AYLWARD & C. <sup>a</sup>	Isabel	1717	5	4	Lisboa	Sal	444	465
RICARDO AYLWARD & C. <sup>a</sup>	Isabel	1717	5	4	Lachifir	Vinhos, sal	444	465
RICARDO BEARSLEY	Benção	1737	4	25	Lisboa	Sal e vinho	449	122
RICARDO THOMPSON & C. <sup>a</sup>	Wisbeck	1734	2	26	Lisboa	Sal, tabaco, papel e mais encomendas	450	418v.

Nome do mercador ou da Companhia	Nome da embarcação	Data de entrada no porto do Douro			Proveniência	Cargas	Lv.	Fls.
		1735	2	7				
RICARDO THOMPSON & C. <sup>a</sup>	União	1735	2	7	Lisboa	Sal	451	113
RICARDO THOMPSON & C. <sup>a</sup>	A Rosa	1735	4	18	Lisboa	Vinho e sal	451	146v.
RICARDO THOMPSON & C. <sup>a</sup>	Mensageiro	1735	4	23	Exor (sic)	Sal	451	146v.
RICARDO THOMPSON & C. <sup>a</sup>	Visbleque	1735	5	9	Lisboa	Sal e algum vinho	451	161
RICARDO THOMPSON & C. <sup>a</sup>	A Lusía	1744	11	1	Lisboa	Sal	463	30
RICARDO THOMPSON & C. <sup>a</sup>	Anica Encantadora	1733	2	10	Lisboa com escala em Vigo	Sal	450	192v.
RICARDO THOMPSON & C. <sup>a</sup>	Maria	1733	2	10	Lisboa com escala em Vigo	Sal e vinho	450	194v.

Anexo 3- Mercadores ingleses do Porto que receberam navios com carga de sal (1704-1747)<sup>37</sup>.

<sup>37</sup> AHMP, L. 442-466, *Visitas de Saúde*.